

“SOMENTE EXISTE CULTURA TRANSFORMADA”: as mediações da informação e da comunicação

Regina Maria Marteletto*
Icleia Thiesen**

RESUMO

O artigo pretende apresentar aos estudantes e pesquisadores brasileiros um autor e sua obra, Yves Jeanneret, um dos maiores expoentes das Ciências da informação e da comunicação na França. Após a apresentação breve do autor, já conhecido por parte da comunidade brasileira da Ciência da informação pela sua participação em eventos promovidos pela Rede Mussi, apresenta-se um panorama dos seus principais temas de pesquisa, desde a comunicação e a vulgarização científica, passando pelos estudos sobre as tecnologias da informação e da comunicação, até o livro objeto principal dessa apresentação, onde o autor aprofunda suas reflexões, relendo autores canônicos da filosofia, semiologia, crítica e estética literária, economia, sociologia, dentre outras disciplinas, além de recuperar e sistematizar estudos dos seus contemporâneos franceses do campo infocomunicacional, sejam eles pesquisadores ou jovens estudantes em formação doutoral. O objetivo é fundamentar uma linha de estudos sobre a trivialidade e os seres culturais, agora no contexto do apagamento das mediações, foco de estudo de uma semi-economia da informação e da comunicação.

Palavras-chave: Yves Jeanneret. Mediação. Trivialidade. Seres culturais. Informação e comunicação.

* Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: regina.mar2@gmail.com.

** Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - Convênio com Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Brasil. Professora titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: icleithiesen@gmail.com.

I INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é apresentar a mais recente publicação de Yves Jeanneret *Critique de la trivialité: les médiations de la communication, enjeu de pouvoir* [Crítica da trivialidade: as mediações da comunicação, questão de poder]. Paris: Éditions Non Standard, 2014. 765p. e, ao mesmo tempo demarcar, ainda que sumariamente, alguns pontos relevantes de sua trajetória e obra. Desde já assinala-se a dificuldade de realizar a apresentação de uma obra tão complexa, em forma e conteúdo, o que demandaria um espaço tão extenso que nem um resenha, nem mesmo um artigo, comportariam.

Por isso a opção em conciliar um formato com o outro porque ademais, acredita-se que será mais produtivo para os leitores brasileiros interessados pelas questões relativas às mediações da informação e da comunicação.

O autor, Yves Jeanneret, pesquisador emérito integrante do *Groupe de recherches interdisciplinaires sur les processus d'information et de communication (GRIPIC)*, vinculado à *CELSA-Ecole des hautes études en sciences de l'information et de la communication, Université Paris IV, Sorbonne*, começou a ser mais conhecido nas áreas de informação e comunicação no Brasil a partir da sua participação em colóquios e jornadas organizados pela Rede Franco-Brasileira de

Pesquisadores em Mediações e Usos Sociais de Saberes e Informação (Rede MUSSI), da qual é membro desde a sua criação, em 2008.

Formado pela *École Normale Supérieure (Ens)*, obteve *agrégation en Lettres classiques*, realizou doutorado em Literatura e civilização francesa, dedicado à obra de Romain Rolland, na *Université Paris III*, em 1982. Obteve a *Habilitation à diriger des recherches (HDR)* em História e semiologia da escrita e da imagem. Seus interesses de estudo começam pela literatura, passam pela divulgação científica e, finalmente chegam às Ciências da informação e da comunicação, onde se concentra a maior parte da sua obra como professor e pesquisador. As temáticas das pesquisas tratam principalmente da circulação dos saberes e dos objetos culturais na sociedade, as transformações das mídias, as mediações do texto e da escrita, a epistemologia da informação e da comunicação.

2 COMUNICAÇÃO, VULGARIZAÇÃO E ESCRITA CIENTÍFICA

No ano de 1998 produziu dois livros dedicados à escrita científica, quais sejam, *L’Affaire Sokal ou la querelle des impostures* [O caso Sokal ou a disputa das imposturas] e *Ecrire la science : formes et enjeux de la vulgarisation* [Escrever a ciência: formas e questões da vulgarização], ambos pela Presses Universitaires de France. O primeiro trata da disputa textual entre a física (o realismo) e a filosofia (o relativismo), a partir da publicação de um artigo do físico norte-americano Alan Sokal na revista *Social Text*, editada por um grupo de pesquisadores alinhados com pesquisas sobre o pós-moderno e publicada pela Duke University Press, onde o autor se vale de termos e conceitos de autores pós-modernistas, revelando posteriormente que se tratava de uma farsa, a fim de demonstrar as compreensões mal apropriadas pelos pensadores pós-modernos em relação aos conceitos das ciências duras. No lugar de se situar na esfera das diferenças e distinções entre áreas ou disciplinas do conhecimento, as análises de Jeanneret a propósito desse episódio procuram demonstrar que tratou-se mais de uma “disputa” do que propriamente de um “caso”, originado de um fenômeno denominado pelo autor “cultura trivial”, a qual caracteriza os

modos como são produzidos e circulam os textos, saberes e ideias de uma determinada época, colocando em evidência a autoridade de editores, autorias e disciplinas na avaliação e publicação dos textos científicos.

Em *Ecrire la science : formes et enjeux de la vulgarisation* esboça uma crítica da palavra “vulgarização”, tão cara à língua francesa para designar as maneiras de traduzir, expressar, representar a linguagem científica para os leigos - não cientistas, abordando-a como um gênero literário próprio ou uma atividade criadora de sentidos. A partir de uma abordagem histórica sobre como se entendeu e se entende a vulgarização - seja como difusão, tradução ou mediação - sustenta que não se trata de fazer circular um estoque de conhecimentos no espaço social, nem de traduzir uma linguagem complexa em outra mais inteligível por um público leigo, uma vez que a vulgarização científica não substitui o texto original, ao contrário, faz emergir diferentes linguagens e saberes. E menos ainda de incluir um terceiro personagem - o jornalista - como mediador entre a linguagem-saber científico e o público. A vulgarização faz parte de uma estética de produção de textos a ser analisada a partir da ideia de ruptura, que é constitutiva do saber científico, logo, como meio de manter, no lugar de preencher, o distanciamento entre os cientistas e outros atores sociais.

3 O MODO DE EXISTÊNCIA DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO

Em 2000 Yves Jeanneret publica *Y a-t-il (vraiment) des technologies de l’information?* [Existem (de fato) tecnologias da informação?]. Villeneuve d’Ascq : Presses du Septentrion, com novas edições em 2007 e 2011. O foco principal da obra concentra-se no paradoxo de que o nosso tempo atual adquiriu a certeza de que algo essencial se desloca nos meios materiais de difusão dos conhecimentos: “Porém ele não sabe de nenhuma forma do que se trata.” (2011, p. 12). Esta dificuldade da nossa época para compreender o que a afeta seria ao mesmo tempo uma oportunidade para aprender alguma coisa sobre a cultura, mais diretamente sobre algo antes reservado às “disciplinas de arquivo”, ou da erudição, qual seja, a construção

documentária e os seus suportes materiais, o que afeta igualmente os estudos da informação e da comunicação, arbitrariamente separados em campos isolados. Uma questão desperta a atenção: o elo que se pode estabelecer entre a criação de objetos técnicos, materiais, suportes de mensagens e trocas, de um lado, e de outro lado as práticas da cultura, individuais e coletivas, eruditas e populares”. (2011, p. 14).

Ao refletir sobre essa questão e suas múltiplas dimensões, a obra pretende ser um instrumento dirigido aos jovens estudantes das Ciências da informação e da comunicação e de outras disciplinas, tanto quanto aos técnicos e engenheiros que concebem os dispositivos informacionais, a fim de construir um ponto de vista crítico sobre a relação entre os dispositivos técnicos de suporte de mensagens e as práticas culturais, principalmente pelas análises e reflexões sobre as numerosas mediações pelas quais é necessário passar para religar, não mecanicamente, os primeiros às segundas.

Jeanneret retoma o mito da invenção da escrita que se encontra no Fedro, texto fundador de Platão, por meio de quatro de suas leituras possíveis, as quais levam a interrogar as novas tecnologias como tecnologias semióticas (ou simbólicas) do texto, e não simplesmente como “tecnologias da informação”. Esse intento é seguido na obra pela necessidade de desnaturalização de termos presentes nos discursos de teor mítico sobre as tecnologias de informação, a sociedade da informação, a cibercultura, com ênfase na compreensão da própria noção de informação.

Nas notas de leitura [*notes de lecture*] dessa obra, intituladas “*Confusions et distinctions*”, Jean Davallon (2001) chama a atenção para os dois sentidos da noção de informação discutidos por Jeannert e frequentemente confundidos nas teorias da informação e da comunicação. Contrariamente ao que se apresenta nessas teorias, é necessário não confundir “tratar a informação” com “produzir a informação”; a primeira se fundamenta numa operação matemática de dados, a segunda interroga a relação que os sujeitos sociais podem estabelecer com a realidade, dando origem a uma confusão ou mistura entre a informação (matemática) e a informação (social), entre os procedimentos técnicos e as práticas sociais. As diversas teorias e quadros conceituais, os estudos

repertoriados ao longo da obra sustentam a crítica ao “apagamento das mediações”, (p. 122), que é o ponto nodal das confusões acima apontadas, as quais concorrem para uma espécie de equivalência entre os funcionamentos do pensamento, a sociedade e a técnica.

4 A VIDA TRIVIAL DOS SERES CULTURAIS

O primeiro volume dedicado à fundamentação do conceito de trivialidade é publicado em 2008, *Penser la trivialité*. v. 1. *La vie triviale des êtres culturels*, Paris : Hermès-Lavoisier, [Pensar a trivialidade: a vida trivial dos seres culturais] uma das obras da coleção “*Communication, médiation et construits sociaux*”. Essa publicação assinala um momento especial da presença de Yves Jeanneret no cenário da Ciência da Informação no Brasil, quando se realizou o I Colóquio Internacional da Rede Mussi, em 2008, no qual proferiu a conferência inaugural “*La relation entre médiation et usage dans les recherches en information-communication*” [A relação entre mediação e uso nas pesquisas em informação-comunicação. Na França foram publicadas duas notas de leitura [*notes de lecture*] deste livro: *Dans la mêlée: ce que la société fait aux idées*, [Na luta: o que a sociedade faz com as ideias] escrita por Adeline Wrona (2009), e uma segunda, de autoria de Jean-François Tétu (2009). Uma terceira resenha foi publicada no Brasil, com a autoria de Icléia Thiesen (2009).

O título da obra “Pensar a trivialidade; a vida trivial dos seres culturais” traduz o esforço de autor ao longo dos anos de reunir elementos teóricos, históricos e empíricos de formulação das ideias de “seres culturais” e “trivialidade” para estudar os modos de circulação das ideias e dos objetos no e pelo social. Por “seres culturais” entende-se “*um complexo que associa objetos materiais, textos, representações que resultam na elaboração e no compartilhamento de ideias, informações, saberes, julgamentos*”. (p. 16). “Trivialidade” é uma categoria descritiva formulada para apoiar a compreensão desses processos de circulação dos seres culturais pelos labirintos do social, uma vez que os objetos - em sua dupla dimensão material e simbólica - tornam-se culturais devido à sua circulação criativa, uma chave para a

compreensão da afirmação: “Somente existe cultura transformada” (p. 87).

Dentre as disciplinas e correntes teóricas que se dedicaram a estudar os problemas colocados pela trivialidade, Jeanneret recupera a filosofia social do elementar, em Gabriel Tarde; as noções de transmissão e permanência, em Régis Debray e nos *Cahiers de médiologie*; a semiótica em suas múltiplas versões, com ênfase em Roland Barthes. Os acertos, lacunas e complementos no trato das questões da trivialidade, presentes nessas correntes teóricas, são analisados respectivamente, por meio de três matrizes imaginárias da circulação das ideias: a propagação, a transmissão e a reprodução.

Para analisar os processos materiais mobilizados pela trivialidade retoma o que Michel Foucault designa como trabalho de arquivo: “processo pelo qual tudo o que foi produzido na cultura é infinitamente retomado e transformado”(p.58), onde situa as operações das disciplinas da comunicação e da informação. Uma miríade de outros autores e suas obras, além de pesquisadores contemporâneos são retomados, além de teses de doutorado, concluídas ou em andamento, para alimentar os caminhos teóricos e aplicativos do projeto intelectual de Jeanneret, o qual consiste, como lembra Adeline Wrona (2009) em encontrar um meio de qualificar “o que outorga valor social aos nossos saberes” (p. 230), para enfim concluir que “a noção de trivialidade é um esforço de reescrita da questão da informação-comunicação, dentre outras possíveis. (p.231).

Como em outros escritos ao longo de suas pesquisas, o autor elege o conceito de “mediação” para levar em conta as interações e a materialidade das situações e dos objetos nas análises dos processos concretos de funcionamento da trivialidade, “uma questão prática com teor teórico (e vice versa)” (p. 133), apresentado pelo autor aos pares brasileiros em 2008, na conferência inaugural do I Colóquio Científico Internacional da Rede Mussi.

5 A CRÍTICA DA TRIVIALIDADE

O livro objeto dessa apresentação, *Critique de la trivialité: formes et enjeux de la communication*, constitui uma síntese extensa e profunda de uma trajetória de estudos da informação

e comunicação com abordagem sócio-antropológica e semiológica com largo espectro interdisciplinar, abarcando proposições teóricas desde a semiologia, a filosofia, a história cultural, os estudos literários clássicos e modernos, a estética, a epistemologia, estendendo-se ao longo de 784 páginas. Tétu (2014), ao realizar notas de leitura [*notes de lecture*] da obra, lembra que se trata de um percurso de pesquisas que abrange um quarto de século, reunindo seus próprios estudos, dos seus pares e de jovens pesquisadores em formação, somando mais de 1.300 notas e várias centenas de referências bibliográficas. A proposta teórica e metodológica do estudo da trivialidade, reunida em *Penser la trivialité...*, se expande de forma extensa e intensa, além de incorporar um novo aporte ao estudo da circulação dos objetos que tornam-se culturais pelo fato mesmo de sua circulação - a sua economia política, que constitui a última parte da obra.

A obra se inicia pela apresentação de um Léxico com uma breve definição dos termos e conceitos principais empregados ao longo dos capítulos, seguidos cada qual de um exemplo de uso. Destacam-se, a título de ilustração inicial dessa apresentação, os conceitos de “trivialidade”, “ser cultural” e “mediação”, assim definidos:

Trivialidade refere-se ao “caráter transformador e criativo da transmissão e da reescrita dos seres culturais através de diferentes espaços sociais. A tomada de consciência do fato de que a terra não está no centro do universo não se limitou à transmissão de resultados científicos, mas deu origem a uma longa série de interpretações políticas e filosóficas”. (p. 15).

Ser cultural trata de um “conjunto de ideias e valores representados por um objeto da cultura numa sociedade, transformando-se a partir da circulação de textos, de objetos e de signos. A imagem da ciência, ou cientificidade, tem um papel determinante na nossa sociedade; ela se concentra em concepções bastante vagas mas insistentes do que são a precisão, a medida, a racionalidade, ideias essas que os números estão particularmente aptos a representar”. (p.11-12).

Mediação “é uma «atividade produtiva e criativa que consiste em intervir no curso da comunicação, dando-lhe uma dimensão nova. A invenção do catálogo nas bibliotecas da antiguidade modificou expressivamente a relação com os textos, permitindo ter uma visão sintética das obras disponíveis, logo, de coletá-las, compará-las, reescrevê-las.” (p. 13).

Esse três conceitos foram (re) construídos ao longo das pesquisas e representam um dos eixos articuladores da obra nos planos teórico, metodológico e aplicativo. Segue-se uma Introdução, onde o autor assinala a continuidade da linha de reflexão presente na obra *Penser la trivialité: la vie triviale des êtres culturels*, e ressalta que a sua contribuição à crítica da trivialidade pode ser definida como uma “semiologia das mídias e das mediações” (p. 51) numa linha de proximidade com Roland Barthes, na qual a semiologia corresponde à análise das formas concretas e históricas da mediação e a semiótica refere-se à conceitualização da teoria do signo à qual recorrem as suas análises. Assinala que se trata de um projeto teórico a partir de leituras de uma rede de pesquisa particular - os autores que se dedicaram, ontem e hoje - a estudar os fenômenos associados à trivialidade, sobretudo na França.

As cinco abordagens da vida trivial dos seres culturais - os modelos intelectuais, as disciplinas da escrita, a transformação social, os processos comunicacionais e os valores políticos - desenvolvidos em *Penser la trivialité...*, fundamentam os caminhos seguidos nessa nova obra. Seu intento sustenta-se na convicção, formulada a partir da atuação do autor como professor, orientador, pesquisador e de sua participação no debate público, de que “a apropriação, a racionalização e a exploração da trivialidade dos seres culturais representam hoje um desafio político maior” (p.22), algo que parece não preocupar ou ocupar tanto as reflexões das disciplinas antropológicas, como as Ciências da informação e da comunicação. Por outro lado, os agentes do mercado, as empresas midiáticas, os militantes e os consultores políticos parecem ter percebido os pontos positivos do investimento político e econômico nessas mesmas questões. Por essa razão, Jeanneret assinala o objetivo de contribuir para revelar os poderes que estariam

associados menos aos conteúdos dos enunciados, do que às modalidades do seu compartilhamento social, e dessa forma elaborar questões políticas que raramente são evocadas no debate atual sobre o papel da comunicação [e da informação]. (p. 25).

O corpo textual principal é constituído de quatro partes, cada qual subdividida em capítulos. A Parte 1 - *Des prises à l'emprise: ces médiations dont on s'empare* [Das capturas à influência: essas mediações que nos apropriamos] contém quatro capítulos que formam a porção mais extensa da obra (p. 57-247). Apresenta um quadro de análise de processos de comunicação, por meio da criação de categorias de análise e de exemplos ou casos diversificados para fundamentar as iniciativas, as transformações, as indústrias que afetam a vida trivial dos seres culturais, apoiado em um amplo espectro de pesquisas situadas empírica e historicamente (p. 60). No capítulo 1, *Intervenir dans l'interaction médiatisée* [Intervir na interação midiaticizada], elegem-se seis categorias - promessa, implicação, expectativa, figuração, predileção, arranjo - para analisar situações concretas onde os sujeitos leem, escrevem, trocam objetos, consultam recursos midiáticos, enviam documentos entre si. Os exemplos, complementados por imagens, são retirados do turismo, da exposição museológica e da publicidade, principalmente. O capítulo 2 *Discourir* [Discorrer] retoma o conceito de discurso como movimento das palavras, das ideias, das falas, dos textos. Emprega a noção de *densification sémiotique* [densificação semiótica] como uma “movimentação de discursos já elaborados e disponíveis” (p. 109), por meio da prática da citação e da enunciação editorial. *Conditionner la communication* [Condicionar a comunicação] é o título do capítulo 3, que aborda a ancoragem dos processos de midiaticização nos dispositivos de caráter técnico-semiótico, empregando as categorias “instrumentação”, “standardização” e “instrumentalização”. Em *Susciter les pratiques* [Estimular as práticas], capítulo 4, outras categorias são retomadas - prefiguração, insinuação, requisição/*conatus* (inspirada em Jean Baudrillard) e fantasmagoria (inspirada em Walter Benjamin) para analisar a construção de plataformas e sítios no ambiente digital associada ao projeto de estudo das “indústrias criativas”, conduzido por pesquisadores franceses.

A Parte 2 (p. 247-360) intitulada *La rencontre des prétensions. Arts et métiers de la trivialité* [O encontro das pretensões. Artes e ofícios da trivialidade] é dedicada a analisar o que se pretende fazer com a trivialidade, ou seja, de que forma os atores se engajam nesse universo, como as concepções em curso sobre a comunicação [e informação] geram ofícios, saberes especializados, estratégias e produtos industrializados. Enfim, como se organiza um campo profissional da trivialidade. No capítulo 1 *Anticipations, pièges et mannequins: une matrice* [Previsões, armadilhas e modelos: uma matriz] Jeanneret retoma as ideias de um autor referência no campo de estudos da comunicação na França, Louis Marin, mais especificamente o capítulo *Le récit du roi ou comment écrire l'histoire*, [A narrativa do rei ou como escrever a história] do livro *Le portrait du roi* [O retrato do rei], publicado pelas Eds. de Minuit, em 1981, p. 49-107. O capítulo é uma análise profunda feita por Louis Marin sobre a criação da função de historiógrafo do rei no século XVII como um dispositivo duplo de representação do poder, “servindo paradoxalmente ao poder que o rei pode usufruir da comunicação ao poder de representação sobre o rei, o que faz desse fato histórico uma matriz conceitual para estudar o que significa profissionalizar a comunicação.” (p.256). A fina leitura feita por Jeanneret do texto de Louis Marin leva-o a refletir que a análise de uma situação histórica específica permitiu a Marin elaborar um modelo abstrato sobre as relações entre comunicação e poder, que serão úteis nas análises seguintes a respeito das pretensões de um campo científico e profissional da comunicação [e informação]. O capítulo 2 *La sémiologie affirmée, ajustée, négligée* [A semiologia declarada, regulada, desconsiderada] retoma dois autores que buscaram aproximar a semiologia aos estudos da comunicação, no caso, da publicidade: Georges Péninou e Eliseo Veron, seguido das análises da figura do *communicant* [comunicante/comunicador] realizadas no capítulo 3 *La genèse des prétentions professionnelles* [A gênese das pretensões profissionais], por meio de inúmeros exemplos de estudos sobre a organização da profissionalização da comunicação. O capítulo 4 *Quand les communicants (re) découvrent la trivialité* [Quando os comunicadores/comunicantes (re) descobrem a trivialidade] e o capítulo 5 *Le flou des emprunts, transferts et métamorphoses* [

O fluxo dos empréstimos, das transferências e das metamorfoses] fazem uma leitura ampla de diferentes domínios para analisar os deslocamentos metafóricos e metonímicos que afetam as pretensões profissionais, ao mesmo tempo que modificam os espaços de encontros entre especialistas dos objetos, dos procedimentos, das mediações e dos discursos tendo como desafio as artes e tecnologias do intelecto, o que prepara o terreno para uma “economia da escrita contemporânea” (p. 360), que será tratada na próxima parte do livro.

Na Parte 3 *Une nouvelle économie scripturaire. La portée triviale des médias informatisés* (p.363-509) [Uma nova economia escritural. O alcance trivial das mídias informatizadas] o objetivo é descrever certos movimentos que afetam atualmente a dinâmica das indústrias que abrangem os dispositivos info-comunicacionais a partir de uma discussão sobre as relações entre a engenharia das mídias, a gênese dos processos de representação e a dinâmica das práticas (p. 365). O ponto de partida é a leitura atenta, bastante fina, e ao mesmo tempo crítica, da economia escritural inscrita na obra de Michel de Certeau, e de que forma ela reflete sobre a relação entre objetos, signos e práticas, para em seguida se distanciar do universo histórico na qual essa economia escritural se inscreve, a fim de apontar as metamorfoses dos dispositivos midiáticos nos tempos de hoje. O capítulo 1 *Relire Michel de Certeau à l'heure de la mise à l'écriture* [Reler Michel de Certeau no momento da escrita] apresenta uma leitura do capítulo que Certeau dedicou à “economia escritural”, no livro *L'invention du quotidien*, v. 1, *Arts de faire*, publicado em 1980. Guardando a devida distância temporal em relação às análises de Certeau, realizadas nos anos de 1970, o intento é considerar, a partir do seu quadro teórico, as novas formas de industrialização da trivialidade para a construção de uma economia política da comunicação fundamentada na trivialidade (p. 370). Trata-se, no caso, mais de uma defasagem histórica, do que propriamente de uma ambiguidade das teorias sobre os usos cotidianos dos produtos culturais, tal como desenvolvida por Certeau. No capítulo 2 *Ruptures dans l'ordre scripturaire: impensé, traçabilité et disponibilité* [Rupturas na ordem escritural: impensado, traçabilidade e disponibilidade] e no capítulo 3 *L'architexte comme objet mutant, entre textum et testis* [O

arquitexto como objeto mutante, entre *textum* e *testis*] Jeanneret explora dois novos elementos que uma economia escritural contemporânea deve enfrentar: de um lado, o fato de que as ferramentas são cada vez mais “ferramentas de escrita”, o que indica um apagamento da fronteira entre ler-escrever e trabalhar; de outro lado, o fato de que uma quantidade de práticas não inscritas são objeto hoje de escritas ou de “rastros”. (p. 387). Para explorar essa nova economia escritural que torna possível a chegada das mídias informatizadas, recuperam-se estudos de autores do campo francês da comunicação que analisaram essas mudanças por meio de reflexões que propõem a ideia de “produzir uma sociedade do texto”. (p. 388). O construto “arquitexto” é um dos caminhos para conduzir as questões assim enunciadas: “...de que maneira pensar a relação entre o substrato técnico de tratamento das inscrições e a dimensão semiótica e social que define a amplitude midiática e documentária da escrita? A questão do signo e da escrita está desatualizada pelo advento da digitalização da informação?” (p. 405). A reflexão sobre essas questões é necessária a fim de realizar uma análise da economia escritural ligada aos *écrits d'écran* [escritos de tela ou de monitor] e de rede, no âmbito de uma dialética entre escrita e informática. O capítulo 4 *Pièges, avatars et chimères* [Armadilhas, avatares e quimeras] encerra essa Parte 3 do livro, onde o autor continua o caminho de construção de uma semiologia das mediações da comunicação, ao abordar as transmutações semióticas que *embaralham as fronteiras entre marca, inscrição, indício e rastro* (p. 489). O arquitexto informático, entendido como ferramenta presente nos escritos de tela/monitor, situado na origem dos atos de escrita e de leitura dos usuários, rege o formato desses escritos, de modo que a nossa própria escrita é condicionada pela existência dessa escrita a montante da nossa, lembra o autor no glossário inicial da obra (p.10-11).

A 4a. e última Parte *Le capitalisme médiatique. Sémiologie des médias et économie politique de la communication* (p. 511-726) [O capitalismo midiático. Semiologia das mídias e economia política da comunicação] é o mais recente investimento de Yves Jeanneret no estudo da trivialidade e das mediações semiológicas da comunicação [e informação]. O objetivo é responder à questão de saber porque o capitalismo se interessa tanto pela

circulação dos seres culturais. Para tanto, essa parte do livro reflete sobre o estado atual do capitalismo midiático e a natureza do diálogo que se estabelece entre a análise semiológica das mediações e a abordagem socioeconômica das indústrias da cultura e da comunicação. (Tétu, 2014).

O texto se inicia pelas questões do autor a respeito de um cartaz gravado nos vitrais da entrada da *Bibliothèque Nationale de France*, em Paris, que simula a figura e a estrutura de um *tablet* onde se mostram as funcionalidades da Gallica, sua biblioteca digital. Essa mostra de um dispositivo de acesso ao conteúdo de dois milhões de documentos é lida pelo autor como uma “fantasmagoria”, conceito emprestado de Walter Benjamin, a qual “*confunde as fronteiras entre o suporte, o monitor, o documento e o texto e que permite dessa forma todas as captações da mediação entre editores, construtores de ferramentas, criadores de softwares, atores da rede... além de enaltecer o seu poder de exposição e a sua capacidade de gerar uma relação cultural: culto à obra, mas também às ferramentas de sua acessibilidade, e possivelmente aos fetiches dos nossos gestos*” (p. 514). Essa evocação de uma leitura sobre um *tablet* lembra ao autor a compreensão gradual, ao longo do tempo, dos desafios do uso desses dispositivos, que as empresas captam, orientam, suscitam como um ambicioso projeto de “máquinas de leitura” e seus avatares. A partir dessas reflexões iniciais, o objetivo dessa parte é mostrar as contribuições da semiologia das mídias para uma economia política da comunicação, começando pelas correntes de entendimento do que seja a economia política propriamente dita, para em seguida adotar uma definição ampla da “economia política da comunicação”, a qual “*diz respeito às relações entre a industrialização das mídias, as transformações do espaço público e as questões da sociedade*” (p. 523), baseada nas leituras de autores como Jean Baudrillard e Bernard Miège, dentre outros. Os três capítulos que compõem essa última parte do livro pretendem indicar a contribuição da semiologia das mídias à questão da economia política da comunicação, ou, em outros termos, “*tentar compreender como os objetos, as formas de vida, as convicções, os julgamentos adquirem, por meio de nossas trocas, o estatuto de coisas que valem a pena serem consideradas como suportes para a vida cotidiana.*” (p. 530). Para esse fim, os capítulos abrem diálogos com teóricos

das indústrias culturais e comunicacionais; pesquisadores que observam e pensam sobre as mediações dos saberes e dos valores culturais; autores de uma semio-economia das empresas midiáticas; analistas das questões sociais das disciplinas culturais.

No capítulo 1 *Des industries malaisées à penser [Indústrias difíceis de serem pensadas]* o autor retoma primeiramente a leitura de um capítulo de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, *Kulturindustrie*, publicado originalmente em 1947, e traduzido em 1974 na França com o título *La production industrielle de biens culturels*, no livro *La diatèctique de la raison*, p. 129-176, Ed. Gallimard; um texto de autoria de Bernard Miège *De l'industrie culturelle aux industries culturelles*, no livro *Les industries du contenu face à l'ordre international*, Ed. Presses Universitaires de Grenoble, p.11-40, 2000; e o livro de Scott Lash e Celia Lury *Global Culture Industry*, Cambridge University Press, 2007. Essas leituras e suas devidas atualizações o levam a discutir as definições possíveis de "mídia", e o que pode ser nomeado como capitalismo midiático: *'o fato de se chegar a otimizar, até um certo ponto, a instrumentação, a previsão e a standardização das formas da cultura, deixando livre curso à diferenciação radical das condutas.'* (p. 586). No capítulo 2 *Ingénierie médiatique et production de l'échange [Engenharia midiática e produção da troca]* o autor pontua brevemente o seu itinerário de pesquisas nas Ciências da informação e da comunicação, desde os anos 1990, até a criação de uma rede de pesquisadores que estudam, de um ponto de vista semio-etnológico, os escritos de tela/monitor [*écrits d'écran*], as mídias informatizadas e os textos de rede. Nos últimos anos, diversos estudos empíricos que analisam os dispositivos informáticos com essa abordagem têm investido nas questões econômicas e políticas. O capítulo passa a discorrer, citando autores e estudos, sobre as dificuldades de ultrapassar a separação entre o "fato de linguagem" e o "fato social", na elaboração de uma teoria crítica da comunicação (p. 594), para então situar as pesquisas sobre os arquitextos [*architextes*] e as escritas de monitor/tela conduzidas por esse coletivo de pesquisadores na França. Trata-se de explorar a diversidade das mediações, muito complexas, pelas quais *"todas essas atividades de reescrita sustentam a relação entre formas midiáticas*

e transações mercantis". (p. 625) Para esse fim, o capítulo conclui com análises sobre os conceitos de informacionalização [*informationnalisation*], mediatização [*médiatisation*] e trivialização [*trivialisation*].

O terceiro capítulo da Parte 4, ao mesmo tempo conclusão do livro, *Les êtres culturels inquiétés (non-conclusion)* [Os seres culturais preocupados (não-conclusão)], é o momento em que Yves Jeanneret mais se apresenta e se engaja como pesquisador. Está dividido em onze subtítulos, dos quais destacam-se alguns pontos. Após considerar três exemplos de querelas televisas e textuais que colocam em questão *"a moralidade do gesto midiático"* (p. 651), a constatação do autor de que *"a instrumentação e a instrumentalização crescentes da trivialidade parecem não dispensar uma ética e uma política da trivialidade"*. (p. 657), que aponta para a necessidade de se tomar distância em relação às análises da comunicação que reduzem essa última à interação entre pessoas, subestimando o fato de que *"os sujeitos estão todos confrontados aos dispositivos que condicionam a representação do mundo, a expressão subjetiva, a emergência de formas sociais."*(p. 662). Dessa maneira, o trabalho de descrição das formas da vida trivial é muito complexa e marcada por uma tensão fundamental que afeta as condições da vida intelectual, frente à atividade industrial incessante de redefinição e recomposição das relações entre cultura, informação, comunicação e criação. No contexto da "indiferença hiperativa das indústrias mediatizantes" as chamadas "disciplinas de arquivo", como as da informação e da comunicação, *"adquirem o status de ferramentas de ligação entre a força simbólica das trocas comunicacionais e a fluidez operatória das transações mercantis"*. (p. 673). Uma das chaves de leitura da atualidade midiática seria observar a maneira como os dispositivos técnico-semióticos encontram-se integrados aos processos de mediação em suas dimensões social, editorial e simbólica.

Por fim, todas as questões apresentadas no livro colocam em evidência *"o caráter crucial do elo entre saber, responsabilidade e reconhecimento"* (p. 712), o que demanda aos que produzem o saber, o dever de se posicionarem enquanto pesquisadores ou especialistas, e também como intelectuais.

5 ESTUDAR A TRIVIALIDADE (CONCLUSÃO)

No livro objeto desse artigo existe uma última breve parte onde o autor faz a sua auto-apresentação. Nela Yves Jeanneret enuncia a seguinte questão, segundo ele norteadora de sua obra: "o que confere alcance e força a certas ideias, a certos objetos, a certos gestos, mais do que a outros?" (2014, p. 750), as quais evidenciam as marcas de sua formação em letras e literatura numa "grande école" francesa, antes de adentrar o terreno das Ciências da informação e da comunicação: o texto, a escrita, o arquivo, os rastros de permanência, transformação e crítica da cultura. Daí o lidar com a ideia de mediação, porque "ela interroga o sentido social do ato de mediação e realiza um inventário da pluralidade das mediações e dos mediadores", além de recusar uma abordagem imediata, transparente ou absoluta da cultura, o que Barthes nomeava "naturalização das práticas culturais". Essa recusa reflete uma positividade:

"o esforço para fazer aparecer, distinguir, descrever todos os intermediários da comunicação, para não considerar nada como dado. (JEANNERET, 2008, p. 38). Daí deriva o sentido do estudo da trivialidade, da vida trivial dos seres culturais, que as mediações da informação e da comunicação escondem ou deixam transparecer.

Ademais das virtudes da erudição e das finas análises de textos de autores canônicos, as reflexões de Yves Jeanneret nascem da interlocução e da escuta atenta tanto dos seus pares pesquisadores, quanto de jovens pesquisadores em formação, além dos seus diálogos em plano internacional, apesar de privilegiar a literatura e as pesquisas em território francês. O esforço de compilação, reflexão e síntese realizado nessa mais recente obra atesta o seu engajamento como pesquisador, especialista e intelectual presente em diferentes espaços de debate, e principalmente o seu compromisso de fundamentar a abordagem semiológica de uma economia política da informação e da comunicação. Tarefas de um mestre.

Artigo recebido em 14/03/2018 e aceito para publicação em 22/04/2018

"ONLY EXISTS CULTURE TRANSFORMED": mediation of information and communication

ABSTRACT

The article intends to present to Brazilian students and researchers an author and his work, Yves Jeanneret, one of the greatest exponents of Information and Communication Sciences in France. After the brief presentation of the author, already known by the Brazilian community of Information Science for his participation in events promoted by the Mussi Network, he presents an overview of his main research themes, from communication and scientific popularization, through studies on information and communication technologies, up to the main book of this presentation, where the author deepens his reflections, re-reading canonical authors of philosophy, semiology, criticism and literary aesthetics, economics, sociology, among other disciplines, besides recovering and to systematize studies of their French contemporaries of the field infocomunicacional, be they researchers or young students in doctoral formation. The objective is to base a line of studies on triviality and cultural beings, now in the context of mediation erasure, focus of study of a semio-economy of information and communication.

Keywords: Yves Jeanneret. Mediation. Triviality. Cultural beings. Information and communication.

REFERÊNCIAS

DAVALLON, J. Confusions et distinctions: Yves Jeanneret. Y a-t-il (vraiment) des technologies de l'information? Communication et langages, Dossier: Fonction éditoriale et Internet, n.130, p. 121-123, 2001.

JEANNERET, Y. L'Affaire Sokal ou la querelle des impostures. Paris: Presses Universitaires de France, 1998, 274p.

_____. Critique de la trivialité: les médiations de la communication, enjeu de pouvoir. [Crítica da trivialidade: as mediações da comunicação,

questão de poder]. Paris: Éditions Non Standard, 2014. 765p.

_____. *Ecrire la science: formes et enjeux de la vulgarisation*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994, 398p.

_____. *Penser la trivialité. v. 1. La vie triviale des êtres culturels*, Paris : Hermès-Lavoisier, 2008, 267p.

_____. *La relation entre médiation et usage dans les recherches en information-communication. I Colóquio Internacional da Rede Mussi, Mediações e usos de saberes e da informação: um diálogo França-Brasil. Anais... Rio de Janeiro: Rede Mussi; Icict/Fiocruz, 2008, p. 37-62. Disponível em <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/753>>.*

_____. *Y a-t-il (vraiment) des technologies de l'information?* Villeneuve d'Ascq : Presses du Septentrion, 2011

TÉTU, Jean-François. Yves J. *Penser la trivialité. Volume 1: la vie triviale des êtres culturels*. *Questions de communication*, v. 16, p. 1-5, 2008.

Disponível em:< <http://journals.openedition.org/questionsdecommunication/176>>. Acesso em jan. 2018

_____. Yves JEANNERET, *Critique de la trivialité. Les médiations de la communication, enjeu de pouvoir*. Paris: Éd. Non Standard, 2014, 784 p. *Notes de lecture. Questions de communication*, v. 26, p. 342-345, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/questionsdecommunication/9384> Acesso em fev. 2018

THIESEN, Icléia. *Penser la trivialité. Volume 1: la vie triviale des êtres culturels*. Yves Jeanneret. . *RECIIS. Rev. Eletr. de Com., Inf. & Inov. em Saúde*, v.3, n.3, p. 128-130, 2009. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/789/1431> Acesso em: jan. 2018

WRONA, Adeline. *Dans la mêlée: ce que la société fait aux idées*. Yves Jeanneret, *Penser la trivialité I. La vie triviale des êtres culturels*. Paris: Hermès-Lavoisier, 2008. *Acta fabula*, v. 10, n. 3, 2009. Disponível em: <http://www.fabula.org/acta/document4950.php#> Acesso em jan. 2018